

A iniciativa de Bush e os países com dívidas externas problemáticas

Igor Cornelsen*

O senhor David Mulford, subsecretário do Tesouro dos Estados Unidos da América, surpreendeu os banqueiros estrangeiros que tratam da dívida externa de países com dívidas problemáticas, ao indicar a intenção do presidente Bush de perdoar 20% da dívida brasileira reescalada com o Eximbank e 40% das dívidas para aquisição de trigo que vêm da década de 70.



Obviamente tal concessão representa um prejuízo para o Tesouro daquele país, e consequentemente do contribuinte e eleitor americano. Esse desconto inclusive poderia vir a não ser aprovado no Congresso norte-americano, que está com muita dificuldade de reduzir o já elevado déficit público de US\$ 216 bilhões previsto para 1991, ano fiscal prestes a começar.

Nos países desenvolvidos, políticos que usam os recursos do contribuinte para subsidiar governos estrangeiros são alvos fáceis para seus adversários na campanha eleitoral seguinte. Dentro desse contexto é que se compreende por que a Polônia, país que fez profundas reformas econômicas, goza da maior simpatia na Europa Ocidental e pleiteou redução no principal da dívida junto ao Clube de Paris (principal grupo credor da Polónia), não conseguiu obter sequer um centavo de desconto.

Quando a administração norte-americana nos oferece esse tipo de tratamento, aceita nossa participação numa integração econômica no maior e mais estável mercado econômico do planeta, mereceria maior atenção de nossos políticos e de nossa imprensa. O presidente Bush está oferecendo-nos algo inédito, e a Iniciativa Bush deveria constituir-se como primeira prioridade externa do governo Collor.

O Brasil não é subdesenvolvido porque tem um

mercado pequeno. O Brasil é subdesenvolvido porque ainda não tem uma economia de mercado, tem escassez de capitais e de novas tecnologias.

A integração econômica com a Argentina é positiva, mas essa integração seria como se o Brasil tivesse mais um Paraná, uma Santa Catarina e um Rio Grande do Sul. Não é o aumento do tamanho de um mercado, já enorme, que nos vai desenvolver.

O Brasil precisa ter um mercado comum com quem nos possa oferecer capital e tecnologia, e infelizmente existem só três opções: Europa, Japão e América do Norte.

Parece-me óbvia qual se-

ja a nossa tendência natural.

A Iniciativa Bush e a oferta de perdão parcial de nossas dívidas com as agências de crédito oficiais norte-americanas merecem mais consideração de nossos políticos e da nossa imprensa. O governo brasileiro precisa ser encorajado a encontrar o nosso futuro no mercado único das Américas.

Como dizem os gaúchos: "Cavalo encilhado passa uma só vez, quem não aproveita a oportunidade vai montar em pêlo, e é muito mais dolorido".

* Vice-presidente do Chartered West Bank Limited em São Paulo.